



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

# Dossiê: “Tolstói – pensador e artista da diferença”

---

## *Dossier: “Tolstoy – Thinker and Artist of Difference”*

Autores: Jimmy Sudário Cabral  
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora,  
Minas Gerais, Brasil  
Gérard Bensussan  
Université de Strasbourg, Strasbourg,  
Strasbourg, France  
Edição: RUS, Vol. 15. Nº 26  
Publicação: Maio de 2024

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2024.225844>

CABRAL, Jimmy Sudário. BENSUSSAN, Gérard (orgs).  
*Dossiê: “Tolstói – pensador e artista da diferença”.*  
RUS, São Paulo, v. 15, n. 26, pp. 12-16, 2024.



Dossiê:

# Tolstói:

## pensador e artista da diferença

*Jimmy Sudário Cabral \* e Gérard Bensussan\*\* (org.)*

\* Professor no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordenador do Núcleo de Estudos da Religião em Dostoiévski e Tolstói – NerdT. <https://www.ufff.br/nerdt/>; <https://orcid.org/0000-0001-6598-0554>; [sudarioc@hotmail.com](mailto:sudarioc@hotmail.com)

\*\* Gérard Bensussan, professeur à l'université de Strasbourg et chercheur aux Archives Husserl de Paris de l'École Normale Supérieure. Spécialiste de l'idéalisme classique allemand et de la philosophie juive, il fut à l'initiative de la fondation du Parlement des philosophes de Strasbourg. Membre de plusieurs centres de recherches en France et à l'étranger, ses domaines de travail et de recherche sont la philosophie allemande et ses relations à la pensée juive de langue allemande d'une part ; et d'autre part à la philosophie contemporaine, en particulier française. [gerard.bensussan@sfr.fr](mailto:gerard.bensussan@sfr.fr)

A obra de Tolstói pode ser lida como uma experiência de discernimento ético do mundo, da natureza, da técnica, da existência, da morte, da guerra e da paz. A fome de verdade inscrita no seu realismo, tal como observou Vladimir Jankélévitch, buscou o contato com as “coisas mesmas”, com a realidade que está além [ou aquém] dos equívocos idealistas, definindo, assim, os contornos de uma escritura romanesca que se desfez dos artifícios que se insinuam entre o eu e a verdade nua do mundo. O procedimento que Viktor Chklóvski chamou “ostranenié”, e que atravessou toda a obra de Tolstói, está na origem de uma educação da percepção que soube colocar em suspensão o que Husserl, posteriormente, chamou de “atitude natural e ingênua”. Portanto, os relatos do jovem artista e correspondente de guerra em Sebastopol, a observação etnográfica no Cáucaso, a descrição da natureza e do animal em Três Mortes e Kholstomér e as transformações da percepção que acompanharam a escritura de *Guerra e Paz*, *Anna Kariênina*, *A morte de Iván Ilitch*, *Khadji-Murát* e *Ressurreição* oferecem as variações de um pensador e artista que buscou mostrar, a contrapelo de todos os idealismos, a diferença e as singularidades de cada ente.

O dossiê *Tolstói – pensador e artista da diferença* apresenta ao leitor os matizes de uma obra que foi a tradução de uma verdadeira experiência de deambulação. Como um nômade que ignora os caminhos sinalizados e os destinos já previamente conhecidos, Tolstói percorreu as sinuosidades da grande floresta (russa) do mundo, vagueando pela vastidão de caminhos que passaram ao largo dos pequenos círculos fechados da arte e do pensamento europeus. A deambulação de Tolstói, a sua errância escatológica pelo interior de um mundo sem verdade, desviou-se, indiferente, dos ruídos sociais e mundanos de uma realidade fixa e sem saída, inscrevendo-se numa experiência de abertura que encontrou lugar na *diferença* de outros mundos. Os sinais de comunidade que encontramos, por exemplo, em Gerasim, de *A morte de Ivan Ilich*, seriam inconcebíveis no interior do giro sobre *si mesmo* da ironia moderna e devem ser vistos como a singularidade do desvio de Tolstói, a sua perambulação que procurou no testemunho silencioso e frágil das diferenças minoritárias os lampejos de uma experiência ética. As vibrações mais sensíveis da obra de Tolstói estão inscritas na sua experiência de deambulação, a sua busca infinita por uma diferença que desfaz as seguranças da identidade – proprietário, senhor de terras, artista, profeta – através de um movimento infinito que transcende, no desfazimento dos próprios adornos, os muros da própria prisão. A andança infinita de Kassátski pela vastidão de estradas que o levaram a Páchenka, a *diferença* simples que lhe ofereceu a possibilidade de *tornar-se um outro*, é o vaguear em busca de uma saída dos círculos estreitos de uma “vida dita interior e apenas subjetiva”.

Pode-se dizer que a deambulação de Tolstói pela grande floresta do mundo é a origem da fecundidade da sua arte. Enquanto Descartes aconselhava aos que se achavam perdidos em alguma floresta que eles não deveriam ficar “perambulando de um lado para outro”, mas “andar sempre o mais reto que puderem na mesma direção”, Tolstói encontrou nas perambulações infinitas pelos caminhos sinuosos da floresta um espaço de transfiguração. O tornar-se animal de Olénin, ou a descoberta da vida nua e finita de Vassíli e Nikita, inscrevem-se, portanto, na fecundidade de uma arte que “abre um tempo infinito e descontínuo” – uma alteridade aliviada dos pesos egoístas que, como escreveu Levinas, permite ao “sujeito ser outro”.

O artigo de Michel Denner, *Over the Prison Wall*, é um exemplo dessa abertura para um tempo infinito e descontínuo da arte de Tolstói, e a sua análise do conto “O leão e o cachorro” demonstra a natureza dos procedimentos narrativos de Tolstói, a sua adoção de um perspectivismo animal que oferece uma meditação profunda sobre a linguagem e desfaz as projeções antropocêntricas e a ilusão de um excepcionalismo humano, que se abre para uma compreensão mais rica da existência. *Tolstoy against things: ostranenie, pragmatic conversions and natural attitude*, de Guilhem Pousson, discute o amplo significado do conceito de *ostranenie* na obra de Tolstói para, em seguida, demonstrar a presença de uma “perspectiva ontológica alternativa” nos procedimentos narrativos do escritor, chamadas pelo autor de “conversões pragmáticas”, uma espécie de perspectivismo ontológico não orientado por relações coisificadas que parece ser típica dos seres ficcionais *não integrados* na ordem política e simbólica dominante.

O artigo *Saber viver, saber morrer: Hadji Murat, ou o poema da força*, de Ana Matoso, coloca-nos diante das montanhas do Cáucaso e de uma diferença *quase-animal*, que resistiu, com violência e fascínio épico, ao poder do imperialismo russo. A natureza da guerra, a metafísica da predação da *Ilíada*, é revisitada por Matoso pelas lentes da pacifista S. Weil, deixando-nos ver em *Khadji-Murát* o motor do poema homérico, a força destrutiva “que transforma qualquer pessoa que a ela se submeta numa coisa [...], num *cadáver*”.

A leitura de *Ressurreição* sob a ótica de Levinas, como encontramos no artigo de Yoann Colin, oferece-nos um exemplo da desambulação de Tolstói, o seu abandono da realidade fixa e sem saída da vida burguesa. O sentido de *conversão ética*, a paixão de cada ser que renuncia ao giro sobre si mesmo, é traduzido no interior de um movimento que se desvia do caráter estático do romance europeu – a recusa de uma boa consciência que convida à perseverança no interior do próprio ser. O artigo de Jimmy Sudário Cabral, *Errância do cogito no jovem Tolstói*, também com uma versão em francês, *Errance du cogito chez le jeune Tolstoï*, oferece uma leitura genealógica da errância de Tolstói, encontrando, nos movimentos filosóficos de juventude, a extravagância de uma vontade que foi o índice de uma experiência de evasão da ontologia – uma ex-cedência, entendida em linguagem levinasiana como desejo do infinito e como “saída do ser”.

O artigo *Anna Kariênina: interfaces ilustrativas da personagem*, de Elisabet Moreira, analisa e compara três ilustrações da personagem de Liev Tolstói veiculadas em diferentes mídias, demonstrando, a partir de uma análise semiótica, as relações dialógicas entre o signo e o leitor e os pontos de vistas ideológicos sinalizados por cada interpretação e leitura.

Ainda sobre os rastros de Homero, o artigo *Guerra e Paz: uma epopeia romanesca*, de Marcella Faria, analisa as características que tornam a obra de Tolstói tanto uma epopeia quanto um romance, demonstrando na narrativa do escritor o devir cristão de um herói que, a princípio, assemelha-se ao herói homérico.

O artigo *Tolstói e a sexualidade feminina*, de Julia Ferrari Páteo, apresenta uma análise das principais personagens femininas de *Felicidade Conjugal* (1859), *Anna Kariênina* (1878) e *A Sonata a Kreutzer* (1889), destacando as implicações dos diferentes recursos literários adotados em cada obra no que se refere às representações construídas.

Por fim, a partir de uma leitura que se aproxima das abordagens de Collin e Roos, o artigo de Eliana Moura, *Ressurreição – uma leitura ética*, oferece uma interpretação que coloca lado a lado o pensador e o artista Tolstói, e, através da lancinante pergunta: *Como viver?*, Moura procura demonstrar como a compreensão particular de cristianismo e religião aparece de forma geral na arte madura de Tolstói.

Além dos artigos, o dossiê também conta com a resenha crítica *Tolstói contra a idolatria shakespeariana*, de Valteir Vaz, que discute as ideias do ensaio “Shakespeare e o drama”, que ganhou uma publicação recente pela Biblioteca Diamante, da Editora Nova Fronteira, com tradução e notas de Aurora Bernardini.

Boa leitura!